

O COMPORTAMENTO DO VERBO *HVER* NO TEXTO DE PERO GÂDAVO

THE BEHAVIOR OF THE VERB *THERE TO BE* IN PERO GANDAVO'S TEXT

Simone Floripi (UFU)*

RESUMO: No intuito de discutir o processo de gramaticalização que ocorreu em períodos anteriores da língua, este trabalho utiliza-se dos dados obtidos no texto *História da Província de Santa Cruz* de autoria de Pero Magalhães de Gândavo datado do século XVI. Ao mapear as possibilidades de ocorrência dos argumentos dos verbos principais do *corpus* empregado, apresentamos uma descrição do comportamento do verbo *haver* utilizado em seu sentido existencial. Dessa maneira, objetivamos mapear o comportamento dos argumentos deste verbo e trazer discussões teóricas que abordem os aspectos do processo de gramaticalização, assim como as características estruturais dos verbos existenciais como o verbo *haver* e o verbo *ter*.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização. Verbos existenciais, verbo *haver*, verbo *ter*. Mudança linguística.

ABSTRACT: In order to discuss the grammaticalization process occurred in earlier periods of Portuguese, this study uses Pero de Magalhaes Gandavo's text *History of the Province of Santa Cruz*, dating from 16th century. We showed the possibilities of occurrence of the syntactic elements in relation to the verb position and we present a description of its behavior when the verb there to be is employed in an existential sense in Portuguese. Thus, we aim to map the behavior of arguments of this verb and bring some theoretical discussions about the grammaticalization process, as well as the structural features of existential verbs like the verb there to be and the verb to have.

KEYWORDS: Grammaticalization. Existential verbs, verbs *there to be*, verb *to have*. Linguistic change.

* Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-São José do Rio Preto), com mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realizou estágio de pesquisa na Universidade Nova de Lisboa/Portugal. E-mail: simone.floripi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O português europeu passou por mudanças na estrutura sintática, na colocação dos clíticos (cf. GALVES 1996) e nos padrões de realização do artigo definido (cf. FLORUPI, 2008), entre outras, e uma das mudanças notadas ocorreu com o verbo *haver*. No decorrer dos séculos o verbo *haver* que revelava o sentido de posse, sofreu um esvaziamento semântico deste significado assumindo um sentido existencial.

Algumas abordagens diacrônicas sobre este tema (cf. MATTOS E SILVA, 1981, 1989, 1990, 2002 e RIBEIRO, 1996) tratam mais especificamente de estruturas em que o verbo *haver* ocorre em um período de transição de função semântica de posse, ou de estrutura possessiva, para uma estrutura existencial em que o verbo *haver* co-existia em variação com o verbo *ter*.

Contudo, são poucos os estudos diacrônicos que tratam mais especificamente da estrutura do verbo *haver* com sentido existencial, o que justifica uma investigação sobre as estruturas existenciais do verbo *haver* no século 16 a fim de revelar uma análise interpretativa dos dados encontrados.

A fim de investigar o comportamento do verbo *haver* no português clássico, utilizamos, como objeto de estudo, dados retirados do texto *História da Província de Santa Cruz* redigido no século 16, de autoria de Pero Magalhães de Gândavo. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo central realizar um mapeamento dos padrões de ocorrência do verbo *haver* no sentido existencial e de seus respectivos argumentos no período referido acima, uma vez que os diversos estudos sobre os verbos *haver* e *ter* na história da língua portuguesa tem se mostrado importantes para uma compreensão de aspectos sintático-semânticos.

No decorrer do texto apresentarei a metodologia de classificação dos dados, exemplificado como foram etiquetadas sintaticamente as sentenças de verbos especiais do *corpus* com relação à posição dos argumentos diante do verbo principal. Além disso, comentarei brevemente as características dos verbos *ter* e *haver* no português. E ainda assim, discutirei mais especificamente as características das estruturas com verbo *haver* no decorrer da história do português (uma visão diacrônica da sua evolução), apresentando algumas questões teóricas sobre as estruturas sintáticas de verbos existenciais.

Apresento a seguir uma introdução aos aspectos a serem considerados para uma visão diacrônica a respeito da mudança ocorrida com o verbo *haver*.

1 UM POUCO DOS PROCESSOS GRAMATICAIS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Muitos estudos têm se debruçado à investigação sobre a evolução histórica das formas *haver*, *ter* e *ser* na história do português (cf. MATTOS E SILVA, 1981, 1989, 1990, 2002 e RIBEIRO, 1996). E como percebemos, no passar dos anos, alguns processos de gramaticalização tomaram forma na língua portuguesa. E como exemplo de um caso de gramaticalização de formas, trataremos do que ocorreu com o verbo *haver* na história do português.

Com relação ao *haver* ou *habere* do português arcaico (doravante PA) (aproximadamente século XIII), notamos a mudança de um verbo que possuía conteúdo semântico de posse, mas que foi se esvaziando deste conteúdo no transcorrer dos anos, passando a ter um significado apenas de existência (ou existencial) como podemos perceber no seu uso atual. Resumidamente, podemos dizer que este processo de gramaticalização dá-se por meio dos estágios de transformação, passando pelas seguintes fases (cf. RAMAT, 1987, p. 8-13 apud ROBERTS, 1992) : (i) verbos plenos, (ii) construções predicativas, (iii) formas perifrásticas e por fim (iv) aglutinação.

Nesse sentido, a gramaticalização é o processo através do qual um verbo pleno desenvolve-se historicamente havendo uma grande perda do seu conteúdo lexical juntamente com um esvaziamento semântico (*semantic bleaching*) em que seus sentidos específicos se gramaticalizam em outros contextos, conforme definição empregada por Grimshaw (1991). E ao passo que este processo de esvaziamento toma força, os verbos predicativos com sentido mais geral transformam-se em quase um elemento funcional como um verbo auxiliar.

No caso do verbo *haver* podemos verificar que este passou a ser um elemento sem conteúdo semântico, tornando-se um elemento funcional uma vez que não há mais seleção da sua grade temática como ocorre com os verbos plenos. Ou seja, podemos dizer que a distinção entre os verbos plenos e auxiliares (neste caso, o verbo sem conteúdo semântico como o *haver*) deve ser feita considerando a grade temática do verbo: aqueles que selecionam argumentos temáticos mantêm comportamento de verbos plenos, já aqueles que não são capazes de selecionar argumentos estariam esvaziados de conteúdo semântico, ocorrendo, assim, a perda de estrutura temática (cf. ROBERTS, 1992, 1993).

Ao tomarmos em conta não só o verbo *haver*, percebemos que o verbo *ter*, apresenta o mesmo processo de gramaticalização. De acordo com Mattos e Silva (1981, 1987, 1989 e 1990) em seus estudos com base em um *corpus* trecentista, os verbos *aver* e *ter* eram utilizados com um traço semântico de posse. A título de exemplo, seguem os

contextos trabalhados pela autora:

teer = posse (hoje = possuir)

*Livros que **tiinha*** (4.12.9)

teer = obter (equivale a 'passar a ter')

*E assi parece que no outro mundo há fogo de purgatorio per que se purgan os pecados veniaes e en que homen tem as peendenças que en este mundo non **teve** pecados pólos pecados que fez* (4.37.10)

teer = deter, reter, manter (equivale a 'continuar a ter')

*Vinho que **tiinha** no vaso* (1.17.13)

aver = posse

***An** vertudes* (2.1.14)

***Avian** hua eigreja* (4.6.5)

Os dados acima evidenciam a questão da gramaticalização do verbo *haver*, pois como notamos, o verbo *aver* perde seus significados presentes no *habere* do latim. Assim, o sentido de possuir de *aver* ainda está manifesto em dados obtidos do português arcaico, mas já mostra que perdeu suas outras possibilidades de interpretação. Isto é, estaria num processo em que seus traços semânticos se esvaziaram e o verbo mais propício a receber tais funções semânticas passa a ser o *teer*.

Ainda Ribeiro (1996) ressalta que no mesmo período que tal processo ocorre, o verbo *aver* passa a exercer uma significação existencial, diferente do que ocorria no latim clássico. Conforme Mattos e Silva (1990, p.11), "o processo de mudança de *haver* 'de posse' para 'existencial' já está documentado no chamado 'latim vulgar', segundo Grandegent (1952, p. 27-28) nos séculos IV e V, concorrendo com esse".

Ribeiro (1996, p. 343) trata mais especificamente da emergência dos paradigmas dos verbos *ter/haver/ser* + *particípio passado* havendo a substituição de formas flexionadas do latim por perífrases que deram origem aos tempos compostos.

Por hora atentemos aos resultados de busca retirados do texto do século 16, *História da Província de Santa Cruz* apresentado na próxima seção.

2 APRECIÇÕES GERAIS DAS OCORRÊNCIAS

Primeiramente, na busca de mapear o quadro geral dos padrões de ocorrência dos argumentos no período do século 16 por meio do texto de Pêro Magalhães Gândavo, verificamos sentenças que englobam verbos com leituras apresentativas e existências, denominados aqui de verbos especiais. Estes dados contemplam as ocorrências de argumentos dos verbos principais de todos os tipos de verbo do texto, incluindo o verbo *haver*.

É interessante apresentar estes resultados, pois mesmo não tratando apenas do verbo *haver*, podemos ter uma visão geral do comportamento dos argumentos dos verbos da língua portuguesa nessa época.

A seguir os quadros com os números de ocorrências de todos os tipos de verbos principais.

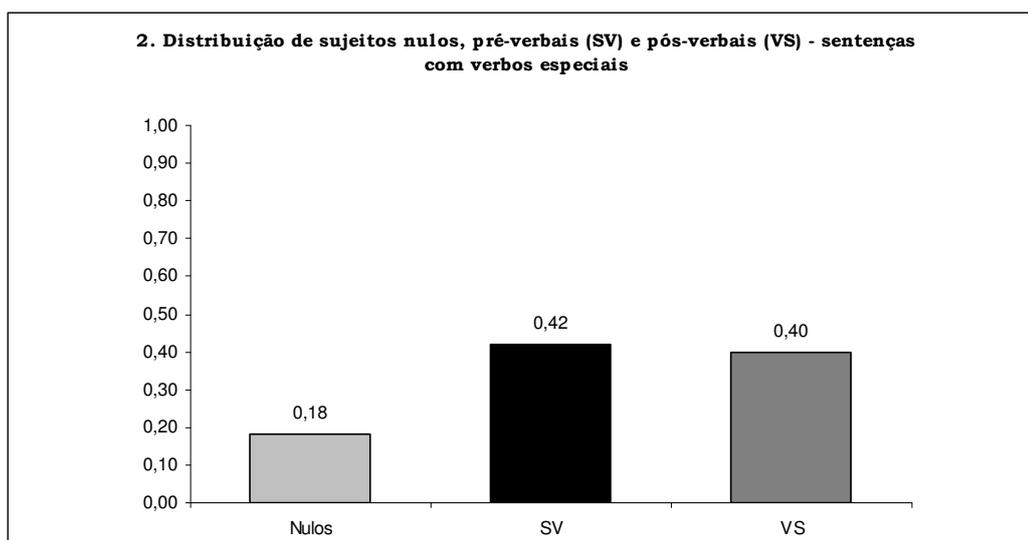


Tabela 1: Gráfico da frequência geral de usos dos argumentos dos verbos especiais

	% total (grupo)		% total (lexicais)
Nulos	37	0,18	-
SV	86	0,42	0,51
VS	81	0,40	0,49
	204	1,00	1

Tabela 2: Quadro geral da frequência de usos dos argumentos de verbos especiais.

Verificamos que nesse período há uma alternância no posicionamento do argumento em relação ao verbo principal das sentenças. De acordo com o total de 204 verbos recolhidos e classificados, a ordem Sujeito-Verbo ainda não era a ordem padrão da língua portuguesa como verificamos nos dias atuais. Os dados revelam que parecia não haver uma preferência pela ordem Sujeito-verbo ou Verbo-sujeito no século XVI e que o número de ocorrências é quase o mesmo nos dois casos.

3 Os RESULTADOS OBTIDOS

No que se refere ao estudo dos argumentos do verbo *haver*, primeiramente iniciamos os procedimentos para a etiquetagem dos termos sintáticos das orações principais. Este processo deu-se da seguinte forma: todas as orações principais (de todos os tipos) tiveram seus verbos demarcados e os argumentos destes foram rotulados de acordo com sua função sintática e posição na sentença.

Para este estudo, consideramos apenas a marcação do sujeito da sentença que ocorre anteposto ou posposto ao verbo principal, dada a controvérsia sobre o status do argumento do verbo *haver*, pois há problemas de identificação dos argumentos deste verbo em relação a função sintática exercida (de sujeito ou de objeto). No caso do verbo *haver* em específico, distinguiu-se quais seriam as posições dos prováveis argumentos deste verbo¹.

A seguir, apresento exemplos de classificação de sentenças com sujeitos antepostos ao verbo com sentido existencial (SV_e), sentenças com sujeito posposto ao verbo com sentido existencial (VS_e) e sentenças em que o sujeito se apresenta cindido, aparecendo parte deste antes e depois do verbo, denominado como sujeito extra posto (EXTRA_S).

Conforme verificamos nos resultados, estes contextos mostraram-se os mais expressivos para as possibilidades de ocorrência dos argumentos do verbo *haver*. Apresento resumidamente a seguir exemplos dos resultados obtidos de acordo com os contextos de busca.

Sujeito posposto ao verbo (VS_e)

- (1) <C> Mas </C> <ADV/> já agora </ADV> <NEG> não </NEG> <V> há </V> <S> esta desordem na terra, nem resgates </S> <CLAUSE> como soía </CLAUSE> [g_008_s_578]

¹ Algumas considerações devem ser feitas com relação a este “argumento” do verbo existencial, pois como se tem discutido na literatura, não é claro o estatuto deste argumento, se este é interno ou não ao sintagma verbal. Dessa forma, ao utilizar este termo não considero os detalhes desta discussão. Assim, o argumento a que me refiro pode ser um sujeito, um objeto, um locativo ou um adjunto.

Sujeito extra posto ao verbo (EXTRA_S).

- (2) <S> Outros peixes </S> <V> há </V> <S> a que chamam Gamboropíns, que são quase tamanhos como Atuns </S> [g_008_s_374]

Sujeito anteposto ao verbo (SV_e)

- (3) <S> Outros </S> <V> há</V> <ADV> também </ADV> <ADV> nestas partes </ADV> <X> muito para notar, e mais fora da comum semelhança dos outros animais (a meu júzo) que quantos até agora se tem visto </X> [g_008_s_268]

Vale ressaltar que a partir da categorização sintática do texto *História da Província de Santa Cruz* foram recolhidos para este estudo apenas os dados referentes aos verbos principais de cada oração, marcado sempre por colchetes e desconsiderados os excertos das orações subordinadas². Isso foi feito para que tivéssemos certeza da interpretação dos dados.

Ao recolher os dados do texto de Pero Magalhães de Gândavo percebemos que o comportamento do verbo *haver* e seus argumentos segue um certo padrão, conforme evidenciado pelo quadro a seguir.

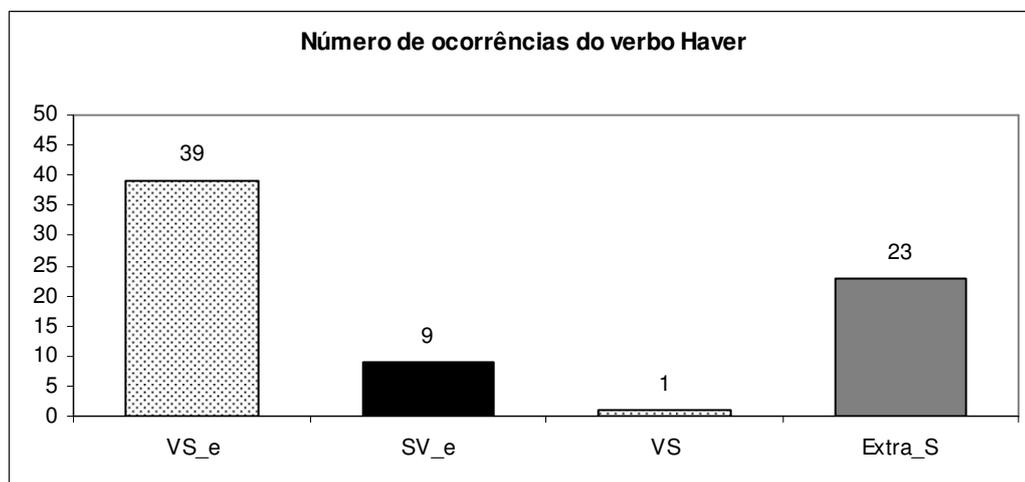


Tabela 3: Gráfico da frequência de usos dos argumentos do verbo *haver*.

De acordo com os resultados obtidos, obtivemos um total de 72 dados analisáveis divididos em quatro possibilidades de contextos para a ocorrência dos argumentos do verbo

² Esta escolha restringiu o número de dados a serem analisados, mas era necessária para que não houvesse dúvidas na classificação sintática das frases.

haver no texto de Gândavo. Encontramos 39 ocorrências de VS_e (argumento posposto ao verbo), 23 ocorrências de EXTRA_S (argumentos cindidos - antes e pós verbo), 9 ocorrências de SV_e (argumento anteposto ao verbo) e por fim, apenas uma ocorrência de VS (argumento de verbo de posse que ocorre posposto ao verbo).

Exemplifico estas ocorrências com as sentenças (4) e (5) com argumento posposto ao verbo *haver* (este em colchetes).

(4) *[Há] também na terra muitas perdizes, pombas, e rolas como as deste Reino, e muitos patos e adens bravas pelas lagoas e rios desta costa: e outras muitas aves de diferentes castas, que não são menos saborosas e sadias, que as melhores que cá entre nós se comem, e se tem em mais estima.* [g_008_s_332]

(5) *Cinco léguas para o Sul, [há] outra povoação a que chamam Hitanhaém.* [g_008_s_170]

Já as sentenças (6) e (7) exemplificam os casos em que ocorre um argumento anteposto ao verbo.

(6) *Outros animais [há] nesta província muito feros, e prejudiciais a toda esta caça, e ao gado dos moradores; aos quais chamam Tigres, ainda que na terra a mais da gente os nomeia por Onças: mas algumas pessoas que os conhecem e os viram em outras partes, afirmam que são Tigres.* [g_008_s_275]

(7) *Algumas aves notáveis [há] também nestas partes afora estas que tenho referido, de que também farei menção, e em especial tratarei logo de umas marítimas a que chamam Guarás: as quais serão pouco mais ou menos do tamanho de gaivotas .* [g_008_s_350]

Para considerarmos os resultados específicos do verbo *haver* é preciso compará-lo com os dados do padrão geral de ordem referente às sentenças especiais encontrado no texto de Pero Gândavo. O primeiro ponto a ser notado é que no padrão geral dos verbos do texto há um alto número de sujeito nulo empregado, perfazendo um total de 37 casos, correspondente a 18% do total de dados, mas no que corresponde aos dados obtidos com o verbo *haver* verificamos que não houve nenhuma ocorrência desse verbo com sujeito nulo, o vem confirmar seu padrão de comportamento dos demais verbos.

Além disso, verificamos também que com o verbo *haver* em sentido existencial há uma preferência da realização do sujeito pós-verbal, com 39 casos equivalendo a 54% dos resultados, em comparação aos dados do padrão geral dos demais verbos que revelaram 81 ocorrências, equivalendo a aproximadamente 40% dos dados totais.

Para ilustrar os resultados, vejamos na tabela a seguir, as frequências e percentagens de cada um dos contextos encontrados.

Verbo <i>Haver</i> - há			
		Número	% grupo
	VS_e	39	0,54
	SV_e	9	0,13
	VS	1	0,01
	Extra_S	23	0,32
		72	1,00

Tabela 4: Quadro geral das percentagens de usos dos argumentos do verbo *haver*.

Conforme os números de ocorrências visualizados através do gráfico acima, observamos que no século 16 havia uma preferência pela utilização do sujeito pós verbal com o verbo *haver*, contando 39 casos em oposição a 9 casos de ocorrências em que o sujeito apresenta-se anteposto ao verbo, opção utilizada na estrutura sintática do português nos dias atuais (S-V-Obj).

De acordo com os resultados apresentados acima, verificamos que nesta época o verbo *haver* já estava consolidado como um verbo existencial. Ou seja, podemos dizer que neste texto o verbo *haver* já não mais ocorre em sentido de posse.

Como salientado, encontramos uma certa dificuldade para realizarmos o mapeamento dos argumentos do verbo *haver* e determinar a sua posição com relação ao verbo. Isto ocorre, pois lidamos com um verbo que ocorre em estruturas que não selecionam especificamente um sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como um complemento direto ou um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial Mattos e Silva (1996, p. 186)³.

Ainda obtivemos como resultado de busca um dado interessante. Baseado em

³ De certa forma justifica-se a utilização de uma categoria em que o argumento está anterior e posposto ao verbo, no caso em que há sujeito extra posto ao verbo.

investigações do português arcaico, era de se esperar que em textos datados do século 16 o verbo *haver* não mais apresentasse uma semântica de verbo de posse, mas isso ocorreu conforme verificamos no exemplo apresentado a seguir.

- (8) *Alguns deles [houveram] já os Portugueses às mãos: mas como sejam tão bravos e de condição tão esquiva nunca os puderam amansar nem submeter a nenhuma servidão, como os outros Índios da terra que não recusam como estes a sujeição do cativoiro .*
[g_008_s_564]

Devido ao número de ocorrência ser bastante restrito (somente um caso), podemos, portanto, considerar este dado como uma exceção ou talvez um arcaísmo na escrita de Gândavo. No entanto, o uso do verbo *haver* com sentido existencial mostra-se bastante presente no texto, perfazendo um total de 72 realizações.

Outro dado interessante que constatamos trata-se da exclusividade na escolha da estrutura utilizada para designar sentido existencial no texto de Gândavo, pois conforme investigamos, neste caso há ocorrências apenas com o verbo *haver*. De acordo com os dados encontrados foram pouquíssimas as ocorrências com o verbo *ter* no sentido de existir e nenhuma ocorrência com o verbo *existir* foi notada. E no intuito de ilustrarmos estes resultados apresento a seguir algumas considerações com relação às ocorrências do verbo *ter* no texto de Pero Gândavo.

4 OCORRÊNCIAS COM O VERBO TER

Vários estudos do português brasileiro como Avelar (2004) Franchi et alli (1998) Mattos e Silva (1981, 1989, 1990, 1997, 2002) e Ribeiro (1996) trabalharam com as especificidades do verbo *ter* que deixou de ser empregado como um verbo semanticamente pleno no português arcaico em que correspondia a acepções como *segurar*, *manter*, *prender*, etc. e passou a ter um comportamento de verbo existencial na língua, sofrendo uma mudança nas suas características.

Percebemos que assim como ocorreu com o verbo *haver*, também o verbo *ter* participou de um processo de gramaticalização em que este se esvaziou de seu sentido pleno para ser empregado com um sentido existencial ou apresentacional.

A seguir, alguns exemplos de contextos relevantes do verbo *ter* com sentido de possuir. A ordem de apresentação é a seguinte, em (9) e (10) orações com sujeito nulo;

- (9) *Esta fruta é muito saborosa e das boas que há na terra: [tem] uma pele como de figo*

(ainda que mais dura) a qual lhe lançam fora quando a querem comer: mas faz dano à saúde e causa febre a quem se desmanda nela. [g_008_s_213]

(10) *[Tem] o cabelo dividido em varias e distintas cores, convém a saber , em pintas brancas , pardas, e pretas.* [g_008_s_277]

Em (11) e (12) orações com sujeito posposto ao verbo;

(11) *Outros muitos benefícios e obras pias, [têm] feito estes Padres e fazem hoje em dia nestas partes, a que com verdade se não pode negar muito louvor .* [g_008_s_584]

(12) *E assim [tem] mais cada um deles duas unhas em cada mão tão compridas como grandes dedos, largas à maneira de escóuparo doubt escouparo.* [g_008_s_294]

Em (13) e (14) orações com sujeito anteposto ao verbo;

(13) *Estes Índios [tem] sempre grande guerras uns contra outros e assim nunca se acha neles paz, nem será possível (segundo são vingativos e odiosos) vedarem-se entre eles estas discórdias por outra nenhuma via, se não for por meios da doutrina Cristã com que os Padres da companhia pouco a pouco os vão amansando como adiante direi.* [g_008_s_472]

(14) *Esta corda [tem] duas pontas compridas por onde o atam de noite para não fugir.* [g_008_s_515]

Apresento em seguida alguns exemplos de sujeito nulo com o verbo *ter* no sentido de existir (ou existencial). Em (15) e (16) estão as sentenças com *ter* empregado com sujeito nulo.

(15) *[Tem] três povoações muito nobres e de muitos vizinhos, as quais estão distantes das de Paranambuco cem léguas, em altura de treze graus.* [g_008_s_137]

(16) *Porém pelo contrário [tem] outro rito muito mais feio e diabólico, contra natureza, e digno de maior espanto.* [g_008_s_567]

A única ocorrência com o verbo *ter* no plural é a apresentada em (17), contudo, creio

que esta é uma estrutura particular em que se emprega o verbo *ter* mais particípio passado.

(17) *Estes Aimorés [têm] feito muito dano nestas capitancias depois que desceram a esta costa, e mortos alguns Portugueses e escravos, porque são muito bárbaros, e toda a gente da terra lhes é odiosa.* [g_008_s_556]

Vejamos a seguir, na forma de gráfico e tabela, os resultados encontrados na classificação do verbo *ter* com sentido de posse no texto *História da Província de Santa Cruz de Gândavo*.

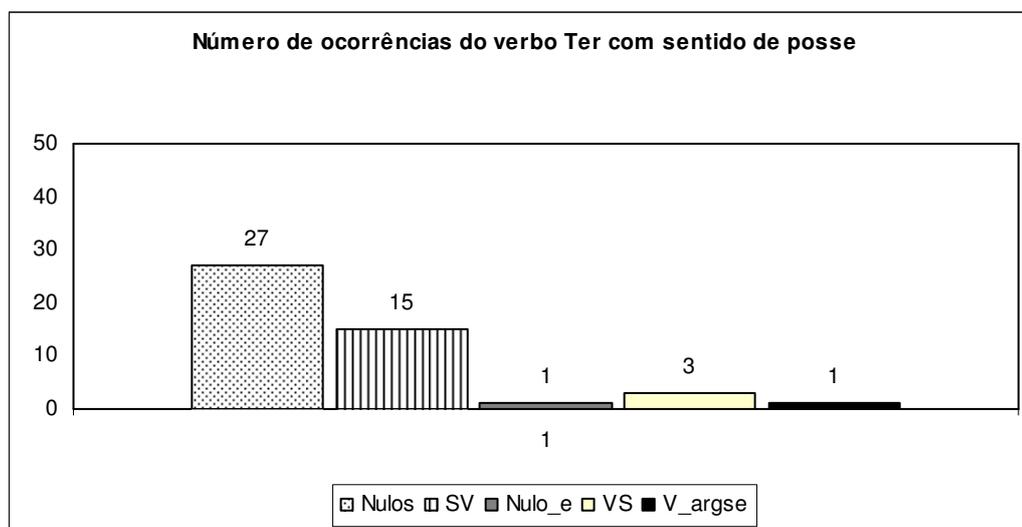


Tabela 5: Gráfico da frequência de usos dos argumentos do verbo *Ter* com sentido de posse.

Confira na tabela abaixo os resultados de acordo com o tempo verbal do verbo *ter*.

	Tem	% do verbo Tem	Terá	Tinha
Nulo	27	0,57	-	1
Nulo_e	1	0,02	-	-
VS	3	0,06	-	-
SV	15	0,32	4	-
V_arg-SE	1	0,02	-	-
Total de ocorrências	47	1,00	4	1

Tabela 6: Quadro Geral da frequência de usos dos argumentos do verbo *ter* em sentido de posse.

Estes dados revelam que o verbo *ter* que já estava em processo de gramaticalização em que podia ser empregado em sentido de posse e também em sentido existencial. Encontramos poucos resultados com o verbo *ter* em sentido existencial, num total de 10 casos apenas, verificamos que sua grande parte ocorre com sujeitos nulos, 9 casos.

O verbo *ter* com sentido de posse possui ampla utilização do sujeito nulo com 27 casos, num total de 47 ocorrências, equivalendo a mais da metade dos dados, a 57% das ocorrências. Portanto, verificamos que o verbo *ter* empregado em seu sentido existencial ou de posse demonstra um comportamento diferenciado em relação ao verbo *haver*, pois verificamos que não foi notada nenhuma ocorrência do verbo *haver* com sujeito nulo, o que comprova seu comportamento diferenciado em relação aos demais tipos de verbo.

Ao compararmos os dados do verbo *ter* com os dados do verbo *haver* percebemos que no texto o uso de *haver* é muito superior com um total de 72 casos e ainda que mesmo em se tratando de estruturas existenciais estes apresentam contextos diferenciados. No caso do verbo *haver* sua maior parte de ocorrências se dá em contextos de posposição ao verbo e no caso do verbo *ter* verificamos ocorrências de sujeito nulo, o que não acontece com *haver*.

5 A HIPÓTESE DE RIBEIRO (1996)

Seguindo as generalizações de Clark (1978) e o estudo de Guéron (1986) e Kato e Nascimento (1990), Ribeiro (1996, p. 361) trabalha a hipótese em que os verbos de construções locativas possuem apenas uma estrutura sintática capaz de realizar uma leitura de seus elementos como auxiliares verbais, não designadores de papéis temáticos lexicais⁴.

Já no português brasileiro (PB) contemporâneo o verbo *haver* perdeu todos os domínios de posse e perdeu também sua posição de auxiliar, restringindo-se a construções raras. Como verbo existencial, *haver* também perde essa acepção na língua falada. Esse processo de perda dos campos de atuação de *haver* já vem se desenvolvendo desde o português antigo, quando *haver* começa a deixar de ser o verbo de posse 1 e conforme notamos no século 16, apresenta uma leitura de verbo existencial e distingue-se dos demais tipos de verbo ao posicionar seu argumento preferencialmente na posição pós-verbal.

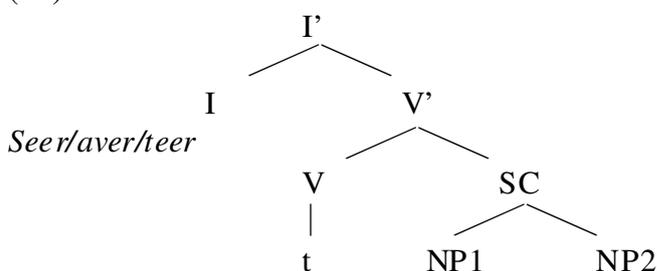
A aquisição do traço existencial e a perda da posse 1 da forma verbal *haver* no português antigo conspiram contra a permanência de *haver* existencial e auxiliar na língua, talvez por serem fenômenos contraditórios, se considerarmos as generalizações de Clark

⁴ Segundo Guéron (1986) e Kato e Nascimento (1990) os verbos das construções locativas são inacusativos e selecionam uma *small clause* (SC) em que há atribuição de papel temático.

(1978), pois a) em geral os verbos das construções existencial e posse 1 são os mesmos; b) se uma língua tem um só verbo auxiliar, ele é usualmente idêntico ao verbo existencial. (Ribeiro 1996, p. 368)

Assim, de acordo com Ribeiro (1996, p. 361) a função de auxiliar, existencial, possessiva e locativa das estruturas sintáticas depende basicamente dos traços lexicais associados aos verbos de construções locativas. A diferença fundamental entre as construções existenciais e as construções possessivas é que nestas últimas há a presença de um operador NP +animado e +afetado. Segue em (18) a estrutura sintática proposta pela autora.

(18)



Nestas estruturas existenciais levanta-se a hipótese de que os verbos *seer* e *aver* selecionam uma Small Clause (SC) com valor semântico aspectual. A SC é interpretada como um denotador de estado. O quantificador existencial NP1, funciona como um operador locativo que licencia um predicado estrutural, o NP2 indefinido. (Ribeiro 1996, p. 357)

Após trabalhar as evidências para diferentes estágios de desenvolvimento dos verbos *ter*, *haver* e *ser* em construções locativas e em construções com Particípio Passado passivos e ativos Ribeiro (1996, p.376) determina que cada estágio de mudança apresentasse como um passo para gramaticalização e posteriores reanálise diacrônica desses elementos na história do português.

Haver: um verbo lexical semanticamente pleno no latim, já aparece no PA como um auxiliar funcional em construções de posse inalienável, e como verbo auxiliar nas formas perifrásticas e nas construções existenciais. No PB contemporâneo falado *haver* reduziu-se a um afixo gramatical de futuro, desaparecendo de todos os outros contextos. (RIBEIRO, 1996, p 376)

Outro estudo que apresenta um caráter mais descritivo dos dados de estruturas com *haver* existencial foi delineado pelos autores Franchi, C. Negrão, E. & Vioti, E. (1998). No entanto, a abordagem que os autores fazem do tema se dá de uma forma sincrônica, diferentemente do que vinha sendo apresentado por Ribeiro (1996) e Mattos e Silva (1981, 1987, 1989 e 1990). Contudo, esse olhar para dados sincrônicos podem revelar informações

interessantes sobre a estrutura em questão.

6 SOBRE A GRAMÁTICA DAS ORAÇÕES IMPESSOAIS COM TER/HAVER

Trabalha-se na literatura corrente uma aproximação entre as estruturas de verbos ergativos com sujeito posposto das construções existenciais. Assim, o estudo de Franchi et alli (1998) procurou documentar o comportamento das estruturas de sentenças existenciais e das estruturas com verbos ergativos no intuito de descrever a quais classes estas estruturas estariam integradas.

As investigações deste estudo levam a pensar que as construções existenciais retiradas do *corpus* do Português Culto Falado do Brasil (projeto Nurc) não se assemelham a construções com verbos ergativos e sujeitos pospostos. Segue os exemplos sobre tal afirmação de sentenças prototípicas existenciais.

(19) *Em São Paulo acho que **tem** um problema específico de ter-se tornado um centro industrial (SP-343)*

(20) *Muitas vezes, **tem** lugares por aí que [os casebres] não têm [telha] (RJ, 168)*

(21) *Ali **havia** uns eucaliptos sendo plantados lá, não? Aonde mais ou menos? (BA, 95)*

Primeiramente, os autores (1998, p. 107-8) apontam para o fato de que as construções prototípicas de estruturas existenciais se caracterizam pela impessoalidade do verbo. Então, como determinar a relação temática entre os argumentos do verbo existencial se nesses casos não é possível ocorrer uma relação semântica de predicação no sentido de atribuição de papel temático?

A predicação das construções existenciais prototípicas se ancora em um campo espaço-temporal, mas ainda é preciso discutir mais detalhadamente como tal ancoragem ocorre. Se esta é parte integrante da construção e o que a licencia sintática e lexicalmente.

Além de considerarem os usos do verbo *ter/haver* no sentido existencial. Os autores investigaram o emprego do verbo *ter* (*teer*) que mantinha seu sentido transitivo-ativo aproximado do latim *tenere* – *manter/suster/reter* e que se especializa na expressão de posse de objetos exteriores ao possuidor quando há traços de agentividade ou causa. Do mesmo modo, foi investigado o uso do verbo *haver* (*aver*) com sentido de posse quando uma relação de posse se estende à expressão de estados inerentes ao sujeito e de

qualidades intrínsecas ao possuidor.

Pode-se notar que o verbo *ter* se opunha ao *haver* por manter a especificidade de sua grade temática, já o verbo *haver* demonstra-se apto para sentidos mais abstratos por ser um item lexical de maior simplicidade semântica. Portanto, o verbo *haver* se especializa com núcleo funcional das orações existenciais, deixando-se de empregar-se em outros sentidos (cf. FRANCHI et alli 1998, p.109).

No que diz respeito à grade temática, pelo fato de *haver* expressar uma relação muito abstrata e inespecífica, seu uso é favorecido como núcleo de orações existenciais, sendo tratado como instanciador de operadores funcionais ou como parte da classe dos verbos funcionais. E a predicação em si é estabelecida entre os argumentos desse verbo, que na verdade, se estabelece entre os elementos da Coda das orações existenciais⁵.

Seria possível tratar as construções existenciais como possuidoras de uma estrutura com verbos ergativos e sujeito posposto. Contudo, o estudo de Franchi et alli (1998, p.117) revela que as estruturas predicativas e apresentativas fazem parte de classes diferentes, mas que não são mutuamente exclusivas. Por isso que é difícil precisar as características de cada uma das estruturas.

Na predicação, o SV está no domínio de c-comando do sujeito e já na apresentativa, o sujeito está no escopo do verbo, como exemplificado em (22).

- (22) a – Predicação: [_S SN SV]
b – Apresentação: [_S V_i [_S SN ... V_i ...]]

Por fim, os autores afirmam que os verbos *ter/haver* são típicos verbos apresentacionais, sem atribuição de papel temático, estabelecendo-se a predicação somente entre os dois elementos da Coda. Contudo, a hipótese dos autores se aplica somente para as construções existenciais do português brasileiro atual, pois para eles estas são estruturas específicas sem parentesco sintático com as construções existenciais com o verbo *existir* e com as de verbo copulativo, comum em outras línguas e presentes no português arcaico (Franchi et alli 1998, p.123).

7 DISCUSSÕES FINAIS

A proposta deste trabalho era investigar os dados de verbos existenciais do

⁵ Para maiores noções sobre predicação semântica estabelecida entre os constituintes da oração cf. Milsark (1974, 1977) e Reuland e Meulen (1989).

português do século 16, extraídos do texto do autor português, Pero Magalhães Gândavo. Para tanto apresentamos alguns trabalhos sobre o tema que também lidam com os verbos existenciais numa análise diacrônica.

Conforme pudemos notar houve um processo de gramaticalização do verbo *haver* no português, segundo Avelar (2004, p. 15),

Ter e estar no português arcaico podiam ocorrer como formas semanticamente plenas, mas tiveram de integrar o mesmo paradigma que o dos verbos copulativos e possessivo, esvaziando-se semanticamente, para exercerem uma função auxiliar. Tal processo sugere que verbos locativos/copulativos, possessivos e existenciais compõem um conjunto fechado, portadores de particularidades entre si não são exibidas por outros itens verbais.

Portanto, assim como ressaltou Mattos e Silva (1996, p. 192) com relação à necessidade de maiores estudos sistemáticos de documentação do século 16, este trabalho busca trazer dados quantitativos para mapear as realizações dos argumentos do verbo *haver* no português quando já passou a ser utilizado em estruturas existenciais. Além disso, no português, verificamos que o padrão de ocorrência do verbo *haver* revelou uma mudança, uma vez que este verbo deixa de marcar posse e passa a ser existencial, mas que também o verbo *ter* passa a verbo existencial, além de ser um verbo de posse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, J. *Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar em Português Brasileiro*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CLARK, E. V. Locational: Existential, Locative and Possessive Constructions. In: Joseph H. Greenberg (Org.). *Universal of Human Language*, v. 4, Syntax. Stanford: Stanford University Press, 1978.

FRANCHI, C. NEGRÃO, E & VIOTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com *Ter/Haver*. *D.E.L.T.A.*, vol. 14, no. Especial, 1998.

FREEZE, R. Existential and other locatives. *Language*, v. 68, 1992.

GUÉRON, Le verbe avoir. In: *Recherches Linguistiques de Vincennes*; Hommage à Mitsou Ronat, Paris, Formes, pp. 155-83, 1986.

GRIMSHAW, J. *Extended projections*. Brandeis University, 1991. Manuscrito.

LEMA, J; RIVERO, M-L. *Inverted conjugation and V-second effects in romance*. University of

Ottawa, 1989. Mimeografado.

LYONS, J. A note on possessive, existential, and locative sentences. *Foundations of Language*, 3, 1967. p. 390-96.

LYONS, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1968.

MATTOS e SILVA, R. V. Um Aspecto auxiliar no Português Arcaico, *Tulane Studies in Romance Languages and Literature* (10), p. 93-109, 1981.

MATTOS e SILVA, R. V. Variação e Mudança no Português Arcaico: *TER ou HAVER* em estruturas de posse. In: *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Celso Cunha*, 1987.

MATTOS e SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas*; Elementos para uma Gramática do Português Arcaico. Lisboa: Estudos gerais, Imprensa Nacional, 1989.

MATTOS e SILVA, R. V. *Caminhos de Mudança Sintático-semânticas no Português Arcaico*, Encontro Nacional da ANPOLL, 5, Fortaleza, 1990. Mimeografado.

MATTOS e SILVA, R. V. *O português quinhentista*. Salvador: Edufba/ UEFS, 2002.

MILSARK, G. *Existential sentences in English*. Tese (Doutorado) – MIT, Cambridge (Mass.) 1974.

MILSARK, G. Peculiarities of existential constructions in English. *Linguistic Analysis* 3, 1; p. 1-29, 1977.

REULAND, E.; MEULEN, A. *The representation of (in)definiteness*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1989.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In ROBERTS, I.; KATO, M. *Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ROBERTS, I. *A formal account of grammaticalisation in the history of romance futures*. University of Wales, 1992. Mimeografado.

Recebido em 1º de outubro de 2009.

Aceito em 30 de outubro de 2009.